O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	10 de Dezembro de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial *Praça dos Restauradores, 27*	N.º 1078

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha quem insista em dizer que não falta fundamento ao boato, propalado ultimamente, de que se está a acabar o dinheiro em Portugal.

E ainda ha mais: ha quem se apoquente immenso só com a idéa de que o dinheiro realmente acabe, e os que assim se apoquentam quem são? Aquelles que passam toda a vida a julgar que o dinheiro é tudo e que sem elle ninguem vive.

Como já tem acontecido morrer gente com o susto de que tambem o mundo acabe num certo dia de tal mez, porque assim o disseram as folhinhas, sempre será bom ir repetindo o que têm dito os jornaes do governo nestes ultimos quinze dias. Se toda a gente tivesse o bom habito de ler todas as manhans e todas as noites os jornaes do governo, com certeza haveria muita mais tranquilidade nos espiritos e muito menos pessimismo.

Ora o que a imprensa governamental nos diz, por exemplo, a respeito da queda do cambio, é que ella não foi senão o producto d'uma desenfreada especulação exercida com inconfessaveis intuitos dentro e fóra de fronteiras. Nem isto podia deixar de ser assim. As obrigações do Estado, as internas como as externas, tinham sido pontual e escrupulosamente cumpridas; e os encargos e compromissos dos nossos commerciantes e industriaes solvidos com a regularidade e honradez em que sempre porfiam estas duas classes. Claro que, sendo o cambio um producto da situação economica do paiz, e desenvolvendo-se esta dia a dia á custa do trabalho nacional, sejam quaes forem as campanhas de descredito, a verdade ha de por fim prevalecer e regressarem as coisas ao seu natural estado em face das circunstancias exactas da nação.

As contas da receita e despeza, ultimas publicadas, mostram que as receitas, tanto as ordinarias como as extraordinarias têm subido em relação ao anno transacto, e que as receitas especiaes das alfandegas garantem absolutamente e com larga margem o pagamento da divida externa.

Por outro lado, a situação economica é fortemente impulsionada pelo resultado final das negociações em que andámos com a Allemanha para a realisação do tratado de commercio, vendo nós abertos aos vinhos portuguêses os mercados daquelle paiz nas mais desejaveis condições, e tudo nos prometendo que um tal tratado será o prologo de outros que muito mais hão de fortalecer a economia nacional...

Não. O dinheiro não falta. O dinheiro não acaba. O que verdadeiramente só acaba é a vida

Visita de Sua Magestade El-Rei D. Manuel, ao Porto

A INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DO VALLE DE VOUGA — CHEGADA DO COMBOIO REAL A ESPINHO

(Fotografia do sr. Ricardo Ribeiro)

de cada um de nós. Mas quando, em que minuto, em que momento ella nos vae escassear e extinguir-se? Este é o grande misterio, e todos nós amamos o misterio, ainda que esse misterio possa envolver a peor fatalidade.

Enchem-se sempre de novo os cofres d'um Estado, e não é senão uma efemera suposição o dizer-se que elles vão esvasiar-se de vez. O que se quer saber é d'onde provém o dinheiro que incessantemente os enche.

Com os nossos, sabemos nós o que se passa. Uma das fontes da receita publica em Portugal é o imposto do consumo, e toda a gente sabe o que isto quer dizer: uma verdadeira lei de fome, restringindo a energia individual do contribuinte ao minimo, e conduzindo portanto a collectividade ao estiolamento fisico, á ruina dos organismos, á diminuição da productividade das massas populares. O famelico é um doente, um hipocondriaco, um desequilibrado. A fome e a anemia determinam a depressão cerebral, destróem a energia, o esforço consciente para progredir na lucta pela vida, o amôr ao trabalho, cuja remuneração já de si misera o desventurado vê esvair se no sorvedouro insaciavel do fisco.

Mas limita-se porventura a só um ponto do paiz, que é a sua capital, a miseria do povo?

Não. A sua miseria estende-se a toda a parte onde elle labuta. E é de vêr o quadro lancinante d'essas immensas romarias de emigrantes que vêm de longe, das serranias e aldeias, onde a vida se tornou impossivel ás classes pobres. Sobre um solo uberrimo como o nosso, e sob um sol como o nosso fecundante, ao que atribuir esta dificuldade de vida que, na provincia, por signal, custa tão pouco, dados os habitos de frugalidade dos nossos camponezes? Não é á terra, que se desentranha em sementes; tão pouco ao clima, que é essencialmente benefico. Portanto, nunca a causas de natureza fisica, mas sómente a razões de ordem economica e social. E estas não será dificil filiá-las ainda no regimen de impostos que pezam sobre a população inteira, mal lhe permitindo respirar; na retenção de grandes extensões de terreno por cultivar, açambarcados por indolentes e ineptos; na dificuldade de encontrar mercados para os formidaveis stocks da produção, que, perdurando nas adegas e nos celeiros, transformam em capital morto a preciosa seiva da terra e o não menos precioso suor dos seus cultivadores...

O espectaculo da fortuna e da ventura em Portugal tem um tristissimo reverso. Mal imaginam muitos dos que se extasiam em presença dos nossos luxuosos armazens da Baixa que a extraordinaria barateza de certas roupas e vestuario representa uma cruel exploração do trabalho feminino, a que tantas vezes a tisica põe o tristissimo epilogo. Para angariar mesquinhas retribuições, trabalham dia e noite legiões de mulheres em cubiculos sem ar e sem luz, sem alimentação e sem repouso. E não é entre essas que a tuberculose recruta o menor numero das suas vitimas.

O alto preço das subsistencias, conjugado com a impureza de alguns generos alimenticios, constitue uma das mais fortes origens dos sofrimentos que eivam de contrariedades e flagelam a vida das familias. Um povo enfraquecido, depauperado, é na verdade um dos melhores terrenos para a cultura da tuberculose; uma população enfermiça, falha de forças, desprovida por isso mesmo da energia necessaria para o seu desenvolvimento fisico e intellectual, é uma população que se arrasta, que vegeta, mas que não vive.

A vida é em todas as grandes capitaes mais cara do que nas terras de ordem inferior; sucede isso aqui como em toda a parte. Justifica-se o facto com a maior soma de comodidades que, em relação ás que proporcionam ao provinciano, disfruta o povo que vive na capital, considerada o coração do paiz, e onde se refletem todos os seus adiantamentos, todas as suas conquistas materiaes e intellectuaes; a propria civilisação, os sucessivos cometimentos do progresso, são causa suficiente d'aquelle encarecimento. O que, porém, é indispensavel é que o aumento nas exigencias da vida seja contrabalançado por um correspondente acrescimo na compensação do emprego da nossa atividade.

Não sendo assim, ter-se-ha um fundo desequilibrio na economia da vida da familia, desequilibrio que, por não poder ser suprido pelos meios materiaes, obrigará fatalmente a privações, muitas das quaes, imitando a toupeira que foge á luz do sol, se ocultam no lar dos que sofrem, não resignados mas silenciosos, como que envergonhados de que lh'as descortinem.

Lisboa é perfeitamente isto. Tem subido espantosamente o preço da alimentação e de tudo o mais que completa as exigencias da vida; o aumento dos meios proprios a defrontarem com tal subida é que não lhe corresponde.

Apesar das aparencias falazes do luxo deslumbrante, uma parte consideravel da população de Lisboa luta com sérias dificuldades. A carestia dos generos alimenticios, dos objectos de vestuario e de uso comum, devido aos altos direitos aduaneiros, tornam a vida mais que critica, dolorosa, obrigando a lançar mão de expedientes, que nem sempre são dos mais decorosos. Ha uma industria em Lisboa, que dá a nota mais caracteristica e sugestiva do viver intimo e laborioso de um grandissimo numero de familias: é a do aluguer de quartos particulares. Quem estudasse este assunto, que foge por tantos motivos á vigilancia da policia, teria apresentado um quadro comovedor, pungente e até talvez em muitos casos repugnante. A higiene fisica e a higiene moral dariam diagramas sombriamente expressivos.

Apesar das miserias reaes que os diafanos esplendores não podem ocultar, Lisboa continúa a ser um poderoso fóco de atração para os habitantes da provincia, alguns dos quaes abandonam as suas casinholas e terras na esperança de virem aqui adquirir fortuna. Pequeninos proprietarios de aldeia, convertem se em proletarios e, não obstante o desengano cruel que sofrem, preferem a existencia atribulada da cidade á obscura existencia que levavam. E' que a vida do campo tambem é mesquinha e rude e nem todos teem o genio contemplativo e poetico para se contentarem com o espectaculo delicioso que lhes oferece a natureza na verdura dos prados, no magestoso das montanhas, na imensidade dos ceus. O rumor das cidades é uma febre que alimenta e que devora até as imaginações mais simples.

A vida, em taes condições, não oferece já consistencia. Torna-se uma coisa flacida e precaria, toda incertezas, superstições e receios. E por isso mesmo é que, desde que alguem, mal intencionado ou por simples brincadeira, se lembra de lançar ao vento o boato de que vae acabar o dinheiro em Portugal, a maior parte da gente estremece, cobre-se de suores frios, e crê, transida de pavor, que o dinheiro vae realmente acabar!

Mas tranquilisae-vos, amigos, socegae! Haverá sempre dinheiro suceda o que suceder, diga-se o que se disser. Se é somente o receio de que elle acabe o que assim vos sobresalta, tende a certeza de que não ha maior engano. Agora, se quizerdes saber por que mãos elle ha de passar, que mãos o hão de esbanjar, que distribuição será feita d'elle, quanto a isso amigos, temos conversado, porque os dominios para onde essa vossa curiosidade nos leva são já os da adivinhação e do imprevisto.

Todavia, se o adivinhar e o prever á maneira de Borda-d'Agua póde de algum modo contentar a vossa ancia de saber, sabei que o dinheiro nunca ha de faltar, aqui como em toda a parte do mundo, áquelles que, curvados para terra com a enxada nas unhas, de sol a sol o vão pedindo á terra; áquelles que, habeis e adextrados na arte de furtar, possam metter as mãos nas algibeiras do proximo ou por qualquer outra fórma semelhante invadir-lhe a propriedade, tantas vezes quantas o julgarem necessario; áquelles, finalmente, que, habilitados nas loterias, destemidos aos jogos do azar, cáem nas boas graças da sorte, e não ha carta no baralho que lhes não sáia de feição, nem bilhete de Hespanha que lhes não traga a taluda.

Fazei agora o que melhor vos parecer, tratae de escolher o meio que mais vos vá de feição para obter o dinheiro, e vereis que vos ha de a vida acabar antes que o dinheiro se vos acabe.

João Prudencio.

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto

Os ultimos dias da estada do Senhor D. Manuel no Porto, foram destinados a visitas aos quarteis dos regimentos da guarnição da cidade e ainda a mais alguns estabelecimentos particulares, contando-se entre estes o atelier do esculptor Teixeira Lopes, em Gaia, onde El Rei era aguardado pelo grande artista e muitas senhoras, que lhe fizeram carinhosa recepção. Nesta visita o monarca poude vêr os trabalhos a que se está dedicando Teixeira Lopes e, entre elles, um busto, em marmore, da Rainha Senhora D. Amelia, que é uma obra prima.

Dias antes, S. M. a Rainha tambem visitara o atelier do artista e vira com muito interesse as suas obras e o referido busto, que achou uma magnifica obra de arte.

No dia 27 visitou El-Rei a cidade de Aveiro, que toda se afestuou de galas para o receber, sendo grande o entusiasmo dos aveirenses pela regia visita.

As camaras do concelho e tudo que de mais distinto ha em Aveiro aguardavam a chegada do monarca e formaram-lhe um luzido cortejo desde a estação até á egreja de Jesus, seguindo pelas principaes ruas da cidade, que ostentavam vistosas decorações.

Foi o rev.do Bispo Conde de Coimbra que cantou o *Té-Deum* em ação de graças pela visita regia, e poucas vezes se terá visto tão imponente solemnidade no historico convento, fundado por D. Affonso V, historico principalmente por ali ter professado, vivido e morrido a Infanta portuguêsa Santa Joana.

Depois do *Té Deum*, visitou El-Rei o colegio de Santa Joana, no extinto convento, onde grande numero de creanças o aguardavam no claustro e lhe fizeram uma festiva recepção lançando-lhe flôres e cantando o himno nacional.

No palacete do sr. dr. Magalhães Lima, realisou-se o almoço oferecido pela Associação Comercial de Aveiro, em que houve entusiasticos brindes.

El-Rei visitou depois do almoço o quartel de infantaria 24, e em seguida dirigiu-se em automovel para a barra, apresentando a ria um aspéto lindo, com muitos barcos enfeitados e bandeiras.

Em um barco ornamentado a azul e branco, em forma de gondola, tripulado por barqueiros vestidos de branco e barretes vermelhos, embarcou o Senhor D. Manuel, conde de Agueda, representantes da camara, etc., a dar um passeio na ria, que foi sem duvida uma das mais agradaveis digressões, que durou até quasi ás 5 horas da tarde, em que El Rei desembarcou.

Era já noite quando Sua Magestade deu entrada no liceu de Aveiro, onde lhe estava preparada festiva recepção. Pelo reitor sr. Francisco Augusto da Fonseca Regala, foi lida ao monarca uma mensagem apropriada, assim como o presidente da Academia sr. Alberto Leal, apresentou a El-Rei outra em nome dos estudantes aveirenses.

Agradeceu o Senhor D. Manuel estas mensagens, no meio do grande entusiasmo que despertaram, importando uma das maiores manifestações de simpatia e carinho que Sua Magestade tem recebido na sua viagem, e que muito o impressionou.

No edificio do liceu é que teve logar o jantar de gala para 116 convivas em que se contava a comitiva real, o sr. Bispo Conde, todas as autoridades superiores do distrito, etc.

Ao *Champagne* o sr. presidente da camara levantou um brinde a El-Rei que foi, ao mesmo tempo uma profissão de fé monarquica, a que o soberano respondeu agradecendo, dizendo que assim como o povo contava com o seu rei, elle contava tambem com o povo. Estas palavras foram recebidas com os maiores aplausos por toda a numerosa assistencia.

Não podiam ser mais agradaveis para os aveirenses as impressões que El Rei ali deixou, assim como El Rei não esquecerá, por certo, o carinho com que ali foi recebido.

A visita do Senhor D. Manuel a Aveiro foi ainda assignalada por beneficio aos pobres, pois que a Associação Comercial fez a distribuição de 140$000 réis por varios impossibilitados e invalidos de trabalho, além de bôdo a 200 pobres, mandado dar pela comissão dos festejos. Assim todos folgaram naquelle dia, até os mais desprotegidos da sorte.

As ultimas visitas que El Rei fez, foram á cidade de Guimarães e á vila de Barcélos, que não estava no programa, mas que á ultima hora foi resolvida a pedido dos barcelenses.

Destas visitas nos ocuparemos em o numero seguinte, completando esta resumida resenha que aqui fica arquivada, como importante facto historico do alvorecer de um novo reinado.

FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES

No tempo dos Francezes

E

Noções geraes sobre automoveis

Dois livros de indole e genero diferentes me foram ha pouco enviados por seu autor, o sr. conselheiro Francisco da Fonseca Benevides, antigo professor da Escola Naval e do Instituto Industrial de Lisboa, de que tambem é director. O pri-

meiro desses livros *No tempo dos francezes* é uma 3.ª edição, cuja primeira, aparecida em 1894, teve um exito de livraria pouco vulgar, que logo no anno seguinte, 1895, fez segunda edição, o que tanto basta para justificar o valor da obra que mereceu as atenções da critica quando pela primeira vez veiu a publico.

Esta 3.ª edição vem agora muito a proposito em pleno centenario da guerra peninsular.

O segundo livro a que temos de nos referir é *Noções geraes sobre automoveis*, dado agora á estampa em primeira edição, e que não podia vir tambem mais a proposito, quando o automobilismo está na ordem do dia, como se diz no parlamento, e os meios de transporte ultra rapidos e prontos são a preocupação de momento.

E' este livro ilustrado com cincoenta e sete gravuras demonstrativas, abrangendo — AUTOMOVEIS TERRESTRES — AUTOMOVEIS MARITIMOS — AUTOMOVEIS AEREOS, o que constitue tres capitulos que se dividem nos diferentes generos de motores, manobras, trabalhos nos automoveis, etc., contido tudo n'um volume de 208 paginas in 8.º, nitidamente impresso em papel *couché* e com uma capa alusiva e o retrato do autor.

Não é, porém, a simples noticia destas obras, que seguramente vão ter o melhor acolhimento publico, o unico fim destas linhas, mas o pretesto ha muito tempo aguardado, para prestar aqui a minha sincera homenagem ao ilustre professor e homem de letras, publicando o seu retrato, que por tantos titulos já esperava logar nesta galeria do OCCIDENTE, não o tendo mais cedo por só agora me chegar ás mãos.

Desde 1862 que conheço o sr. Francisco da Fonseca Benevides, quando eu era um rapaz ainda imberbe, que dava os primeiros passos na carreira artistica, e sua ex.ª tambem novo, bem parecido, de fartas suissas, elegante, e já professor de uma escola superior.

O motivo que nos aproximou foi o seu Tratado de Fisica, primeira obra que o sr. Benevides deu á estampa com uma coragem inaudita que só a póde avaliar quem viveu naquelles bons tempos. Tempos em que só a Imprensa Nacional se tinha por habilitada para imprimir uma obra daquelle tomo, para a qual eu executei cerca de mil gravuras, e que não obstante, todos os recursos daquelle estabelecimento do Estado, levou quatro annos a fazer, com grande dispendio de dinheiro e de paciencia do seu autor.

Foi o que se chama «meter uma lança em Africa.»

Póde parecer que, depois de uma tão grande massada, como dizem hoje os nossos rapazes sem nada fazerem, o sr. Benevides não proseguiria em novos trabalhos literarios e muito menos em os editar, mas tal não sucedeu. Parece até que as dificuldades que encontrou para levar a cabo a sua primeira edição, lhe foram estimulo para outras e, assim, desde 1862 até hoje, quantas obras se pódem contar devidas á sua pena, a seu incessante lidar nas letras, e a maior parte dellas com sucessivas edições e outras esgotadas.

Ainda antes de concluir a impressão da sua citada primeira obra, publica em 1867 *Relatorio sobre a Exposição Universal de Paris de 1867*, sobre instrumentos de fisica e maquinas de vapor, com ilustrações gravadas pelo autor destas linhas. Este livro está esgotado.

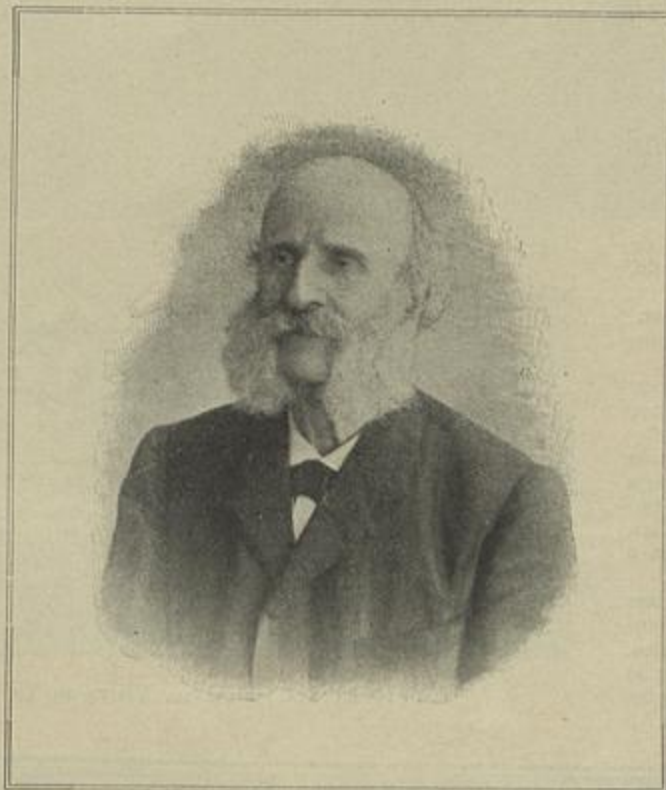
Em 1868, *Tratado elementar de eletricidade e magnitismo*, com 250 gravuras que eu tambem fiz.

Neste mesmo anno publíca *Tabelas, dados praticos, regras e instruções* para uso de engenheiros, construtores, cqudutores de trabalhos, industriaes, etc., esgotado. *Principios de Optica* e suas principaes aplicações aos instrumentos, faroes, fotografia e efeitos teatraes, etc., ilustrado com 176 gravuras, esgotado.

Durante a impressão da sua primeira obra, deu á estampa, em 1866, *O Fogo*, obra cientifica e literaria, ilustrada com 40 gravuras, que tambem executei. Este livro teve segunda edição em 1869 e está esgotado. Em 1870, *Description d'un nouvel appareil pour la démonstration des propriétés physiques des vapeurs*, feito em Paris e esgotado. *Catalogo descriptivo do museu technologico do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa*, publicado em 1872 e esgotado. *Catalogo das collecções do museu technologico do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa*, precedido de uma noticia historica sobre o mesmo estabelecimento, publicado em 1873 e tambem esgotado. *Memorie sus les flammes des gaz comprimés*, publicada em Paris, em 1873 e esgotado. *Memoria sobre o poder illuminante de algumas substancias*, 1874, esgotado.

Em 1878-1879 publíca o sr. Francisco da Fonseca Benevides a sua obra em dois volumes intitulada *Rainhas de Portugal*, importante estudo historico, com muitos documentos ineditos e que representa grande trabalho de investigação, o qual foi devidamente apreciado como obra historica e literaria, em que seu autor se destraio da aridez dos estudos cientificos. E' ilustrado com os retratos de todas as rainhas de Portugal, procurados nas melhores fontes, e nella colaboraram artistas portuguêses com desenhos e gravuras, e alguns estrangeiros. Tambem nella, tenho o meu quin' ão de gravuras.

Esta obra está esgotada.

Em 1880 publíca *Memorie sus la vitesse de propagation des flammes*, e em 1882 faz uma segunda edição *Elementos de balistica*, cuja primeira fôra dada á estampa em 1872, com gravuras demonstrativas. Está esgotada.

CONSELHEIRO FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES

E', em 1883, que publíca o seu livro *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, estudo historico desde a sua fundação até áquelle anno, ilustrado com grande prefusão de gravuras, em cobre, madeira e pedra, em que colaboraram tambem artistas portuguêses, Pedroso, Nunes, Casellas, Rafael Bordallo Pinheiro, e quem isto escreve. Este livro, que fez época, é uma edição de luxo e nelle figuram os retratos dos principaes cantores que desde a origem daquelle teatro ali se ouviram, o que vale tanto como dizer que são os de todas as celebridades do canto que atravessaram a Europa naquelles tempos. Desta obra fez o sr. Benevides um outro volume referente aos annos de 1883 a 1902, sob o mesmo plano que o primeiro, estando ao presente ambos esgotados.

As *Noções de Physica moderna*, cuja primeira edição veio a publico em 1870, tem tido seis edições até 1902, e agora esta-se fazendo a setima.

Outros trabalhos de menos folego tem ainda publicado o sr. Benevides em varios folhetos, sobre assuntos cientificos e escolares, como *Relatorios sobre as escolas industriaes da circumscripção do Sul* de que sua ex.ª foi inspetor, com a mais comprovada competencia.

Poucos homens de letras, e especialmente no campo da ciencia, tem produsido tanto e com tanta utilidade como o sr. Francisco da Fonseca Benevides a quem, ainda não ha muitos annos, foi conferida a carta de conselho, inherente aos cargos de diretor, que tem exercido superiormente; mas por mais que essa honra represente, muito acima della está o merecimento real do ilustre professor, que antes se lhe tem encanecido os cabelos no arduo exercicio do alto magisterio, do que cançado o espirito, sempre claro e ativo, como o demonstram suas ultimas obras.

E' certo que o sr. conselheiro Benevides não tem hoje aquelle aprumo fisico que tanto o distinguia e com que eu o conheci ha quarenta e tantos annos. São dotes da mocidade que os annos vão gastando, e os que só esses dotes tem, cedo os dissipam e sem nada ficam para a vida; mas os homens superiores, os que vivem pelo espirito, quanto mais vivem mais enriquecem em cabedal de conhecimentos e ativam a laboração mental. E' o que acontece ao ilustre professor, que em nada tem perdido a energia e pronta resolução, que sempre lhe conheci, o acerto e a vivacidade na laboração das suas obras, dispondo de vastos conhecimentos cientificos, ordenados por uma grande disciplina mental e censo pratico, que se observa nos seus livros de estudo, cujas edições são rapidamente esgotadas.

Literariamente não é o sr. conselheiro Benevides um estilista. Os seus livros de literatura são sobrios de flores de rétorica, mas sucintos, documentados o preciso, de exposição clara, chegando sem rodeios ao fim que pretende, por vezes elegante na sua forma simples, possuindo o segredo de se fazer ler, o que é o maior triunfo para um escritôr.

Principiando pelo livro *O Fogo*, de ciencia amena e ao mesmo tempo de historia com que vae instruindo o leitor, pretendeu o sr. conselheiro Benevides inaugurar entre nós a difusão de noções elementares das ciencias, coisa que não se fazia em Portugal, e que não me consta se tenha continuado tão bom exemplo, não obstante o ser lá fóra vulgar.

Este livro apareceu em 1865 e delle escrevia Mendes Leal, em carta ao autor, que lh'o dedicava: «Seguindo os seus estimaveis e utilissimos trabalhos com o interesse e a curiosidade da nossa boa e nunca desmentida amisade, admiro-o e respeito-o por tão proficuos serviços em tão verdes annos. Assim o seu exemplo podesse chamar e converter os ociosos que ahi pullulam, sem nada util produzirem, posto haverem nascido sabios para todas as censuras, quando não é para todas as diffamações.»

Assim era apreciado em 1865, por Mendes Leal, o trabalho do novel escritor, naquella época em que ainda se guardava em Portugal certo pudor no elogio decretando sabios e talentos de primeira ordem.

Se o livro *O Fogo* estava dentro da esfera dos estudos do sr. conselheiro Benevides, não se póde dizer o mesmo da sua obra *Rainhas de Portugal*, e mal se comprehende como o professor não hesitou em sahir do seu gabinete de fisica ou laboratorio, para se meter pelos arquivos nacionaes e outros, a desencantar documentos, velharias para ordenar e escrever esta obra toda de investigações historicas, e sobre que muito pouco ou nada havia á luz publica.

Não representa menos trabalho de investigação o seu livro *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, tão completo elle é e criteriosamente feito.

No tempo dos francezes é outro livro cheio de interesse historico, tendo a amenisar mais a sua leitura uma leve ação romantica dos amores de Soror Maria com o capitão francês Raoul de Remigny, ação que atravessa todo o livro, e em que figuram muitas das personagens importantes do tempo, de forma que lendo-se o romance, lê se tambem a historia do que se passou em Lisboa durante a primeira invasão francêsa. E' este livro illustrado com interessantes gravuras, destacando-se os retratos de Soror Maria e da celebre condessa da Ega.

Nestas linhas que deixo escritas não pretendi fazer a critica das obras do sr. conselheiro Francisco da Fonseca Benevides, que ha muito está feita, mas sómente prestar a minha publica admiração por um homem do meu tempo, que conserva o mesmo vigor intelectual que sempre lhe conheci e de que tão sobejas provas está dando com o seu insessante trabalho nesta ingrata profissão das letras.

E' que no trabalho melhor se encontra o ilustre professor, o que afinal me acontece a mim tambem.

CAETANO ALBERTO.

EM AVEIRO — A EGREJA DE JESUS ONDE SE CELEBROU O «TE-DEUM»

A peste na Ilha Terceira e a villa da Praia da Victoria

N'um vasto plano á beira-mar, semeada de areias e orlada de montes revestidos d'arvoredo, fica a notavel villa da Praia da Victoria.

Poucos lugares de Portugal poderão apresentar ao visitante um panorama tão bello e assumpto tão vasto para reflexões.

Aquelles campos atapetados de relva, ondeantes de searas, matizados de flôres; o seu espaçoso areal recamado de conchas, bordado de fortalesas, fendidas, beijado continuamente pela onda acariciadora, as rochas alcantiladas onde a vaga se quebra em vagalhões de espuma, foram outr'ora o palco das mais emocionantes tragedias, dos mais commoventes dramas de que resa a historia.

As lagrimas da dôr e o sangue da lucta bastas vezes orvalharam as faldas d'aquella serra, o lençol d'aquella bahia e as ameias d'aquelles fortes.

Os campos como que nos estão fallando; as ruinas como que estão testemunhando o passado, offerecendo thema ao geologo, notas ao historiador, estro ao poeta.

Que ruinas vulcanicas se abrigam no seio do seu solo; que ricos apontamentos historicos nos dá a tradição; que linda paisagem — pradaria viçosa, casaes e edificios debruçados no mar espelhante!

A Praia da Victoria foi rica, acastellada, com as suas muralhas, as suas portas, os seus conventos, os seus edificios pomposos, capitaneando toda a ilha.

Os horrorosos terremotos que por vezes a assaltaram tudo fizeram desapparecer. O de 24 de maio de 1614 não só abateu o seu solo, abrindo franca entrada ao mar, como arrazou muros, baluartes e edificios, sepultando em seus entulhos mais de 200 habitantes; e quando depois do de 24 de junho de 1801 os seus moradores a reedificaram, aformoseando-a, eis que nova catastrophe (15 de junho de 1841) a reduzia a um montão de ruinas. Era então governador civil do districto um vulto cujo nome está no coração de todos os praienses — José Silvestre Ribeiro — a quem se deve os esforços para a sua completa reedificação. A prova d'esta immensa gratidão dos praien-

ASPETO DA RIA NO DIA DA VISITA DE EL-REI — *(Clichés do sr. Granja)*

EM VIANNA DO CASTELO — EL-REI A UMA JANELA DA CASA DA ASSEMBLÉA, AGRADECENDO AS MANIFESTAÇÕES — *(Cliché do sr. Filgueira)*

Uma vista da Villa da Praia da Victoria

ses, está na estatua que fizeram eregir no seio da sua villa, para recordar ao viajeiro — um benemerito.

Quando se contempla aquella bahia larga... muito larga, aquelle areal extenso, quando se olha os restos d'aquellas fortalesas, desmantelladas, surge no nosso espirito a tragica recordação d'aquelle dia memoravel — 11 d'agosto de 1829 — em que um punhado de bravos patriotas, ennegrecido o rosto pela fumarada da batalha, humidas as vestes pela resaca das vagas, se debateram pela liberdade!

Foi alli que resoou o clarim cujos echos se foram repercutir em Lisboa e Porto, Almoster e Asseiceira, e deu inicio á convenção d'Evora-Monte que assegurou o triumpho definitivo do regimen liberal.

E quantos d'esses bravos prostrados pela luta, dormem o eterno somno sepultados nas fortalesas onde o mar psalmodia dolente, soluçante... como que chorando-os...

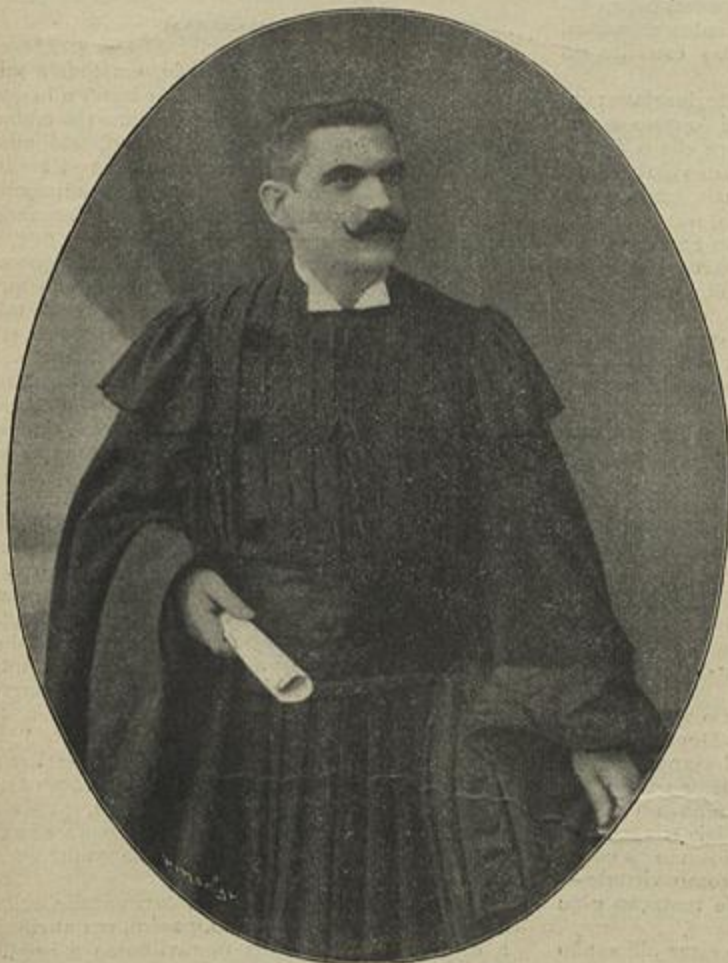
Se a Praia não fosse rica de tradições historicas era-o de bellesa e poesia!

Quando a vaga se espreguiça melancolica, n'um rythimo plangente e dôce, diluindo turquesas, acariciando a areia ruiva, murmurando não sei que estranha alegria, a nossa alma, como que electrisada, sente esse inefavel goso que só a poesia nos póde offerecer.

E quando, pôsto o dia, os barcos regressam da sua faina do alto mar, as velas brancas como as espumas cortando as aguas de saphira, formam um quadro inspirador, digno do pincel d'um artista, merecedor d'um poema.

E' que o mar, como escreveu Castellar: é na vida da natureza, o que mais se aproxima da vida do espirito, dos matizes do sentimento, dos sonhos da imaginação, da profundidade das ideias, do nosso infinito amor e das nossas infinitas esperanças.

*

A par das suas bellesas naturaes e dos factos heroicos, ufana-se justamente a Praia da Victoria de ser a mãe de tantos filhos illustres que hão

Dr. Antonio Joaquim de Sousa Junior

Dr. Alexandre Martins Pamplona Ramos

vinculado o seu nome ao lado dos mais distinctos portuguêses. Entre elles destacam-se na sciencia — Sousa Junior e Alexandre Ramos — dois medicos que honram uma terra e assignalam uma época.

Sousa Junior é o grande bactereologista portuguès, director do Laboratorio Portuense, tido entre os seus collegas como o mais sabio e devotado combatente de molestias infecciosas. Este illustre homem de sciencia, que em todas as épocas calamitosas para a invicta cidade do Porto tem manifestado a mais stoica abnegação e coragem, como o hão provado as homenagens de que ha sido alvo, entre as quaes a offerta da medalha d'ouro concedida pela Real Sociedade Humanitaria, em sessão solemne realisada no Palacio de Crystal portuense, acaba de offerecer gratuitamente os seus serviços na ilha Terceira, sua terra natal, que a maior de todas as calamidades — a peste — ameaça contagio e lucto.

Alexandre Ramos, o medico perspicaz e valente, que, n'um concelho de 15:000 habitantes invadido pela peste que salpicando diversas freguesias espalha o terror e o lucto, é só, a cuidar os contagiosos, n'uma ancia de combate admiravel, com uma coragem inexcedivel e abnegação não vulgar, causando o assombro de todos que comprehendiam os seus esforços e dedicação; atacado, não esmorece, contagiada a familia, não fraqueja, e eil-o, dia e noite, n'um trabalho extenuante capaz de anniquilar a mais forte organisação, na lucta pelo bem dos seus compatriotas.

Dois nomes que o povo gravou no relicario mais sagrado dos seus affectos — o coração — que a humanidade admira na mais santa das devoções civicas humanitarias.

E eis como n'um recesso açorico se occulta uma villa que tão assignalados serviços ha prestado á causa liberal e tantos nomes illustres tem offerecido á historia e á sciencia, desde Francisco d'Ornellas, o conjurado de 1640, até Sousa Junior e Alexandre Ramos, benemeritos da humanidade.

Praia da Victoria, novembro de 1908.

GERVASIO LIMA.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.º 1075)

XIV

Quando sahiu o medico veneziano, Damer pegou no vidro do sôro, na seringa da inoculação, e n'outro frasco mais pequeno, em o qual se continha um liquido claro, que era o toxico ou virus da doença, e que elle não mostrara ao veneziano. Metteu essas cousas juntas no bolso do peito do casaco. Não acreditava na efficacia do sôro, mas tinha preparado o veneno do proprio toxico; e n'esse pequeno tubo de vidro havia veneno sufficiente para dar cabo de vinte homens.

«Se não houver outro remedio», dizia elle de si para comsigo, quando regressava ao hotel pelos canaes illuminados pelo luar, e por baixo das casas antigas.

O duplo sentido, que tinham as suas palavras, soava lhe aos ouvidos como uma risada do diabo.

Levantou os olhos para a Ca'Zaranegra, quando passou por ella; as janellas estavam todas ás escuras, e nos alvos lyrios das varandas não dava outra luz senão a dos raios da lua.

A' entrada do hotel entregaram-lhe um telegramma. Era da princeza Adrianis. Tinha recebido doze horas antes o telegramma que lhe fôra enviado, visto ter-se demorado no seu palacio de verão nas montanhas; partira immediatamente da Sicilia, e dizia que viajaria sem descanço com a maior velocidade possivel. Accrescentava: «Entrego o meu querido filho nas mãos de Deus e nas vossas.»

Damer amarrotou o papel na mão com um gesto nervoso, e pela porta aberta atirou com elle á agua.

Depois subiu a escada, e entrou na sala do enfermo.

A noite estava muito quente; as janellas abertas para traz; e sobre uma mesa ardia um candieiro de porcelana com quebra-luz. Velava uma das religiosas, emquanto a outra dormia. Adrianis jazia tranquillo no grande leito na sombra; estava acordado; olhava para cima; tinha a bôca aberta, mas a respiração era mais facil e mais suave.

A irmã da caridade segredou a Damer: — Acho que vae melhor. O desenvolvimento da membrana vae-se soltando. Démos-lhe vinho e essencia de carne, e elle enguliu.

Damer accendeu uma vela e approximou-se da cama. Adrianis sorriu-se frouxamente. Não podia falar.

— Deixae-me vêr a garganta — disse Damer.

Notou que a religiosa tinha falado verdade; o desenvolvimento da excrecencia ia desapparecendo, a falsa membrana mingava; a lingua tinha aspecto mais saúdavel. Pousou o castiçal, e não disse nada.

— Não está melhor? — perguntou a religiosa, com interesse.

— Talvez — respondeu elle. — Se não se renovar a falsa membrana, pode escapar. Ide-vos, boa mulher, e descançae, emquanto puderdes.

Ella retirou-se, de boa vontade, para a sua cela e para a sua cama. Damer ficou só com o homem, que se entregara nas suas mãos, ás quaes sua mãe o confiara.

Affastou-se do lado da cama, e sentou-se junto de uma das janellas. Havia já longos annos que o seu coração havia ensurdecido e finado; só o espirito e as paixões viviam n'elle.

Damer demorou-se ao ar livre, olhando para a agua verde.

Relanceou a vista pela egreja de marmore, que nada lhe dizia, e pelas aguas clareadas do luar, que não tinham belleza nenhuma para elle. Estava absorto a meditar. A sua vontade desejava fazer aquillo de que a sua natural fraqueza estremecia; porque, no meio da sua grande força, elle era ainda fraco, por ser humano. Dar a morte para elle, era nada; podia ser nada; estava costumado a matar, assim como estava costumado a torturar com profunda indifferença, sem mais nenhuma hesitação do que quando comia, bebia ou exercia qualquer outra funcção natural do corpo. Para obter conhecimentos, para sequer os rastejar, teria infligido os padecimentos mais cruciantes e interminaveis sem a duvida ou o pesar de um momento. Desde a sua infancia tinha vivido nos infernos creados pela sciencia moderna, onde, se os corpos dos animaes penam, as almas dos homens mirram e acabam. O que significava para elle o homem, que alli estava a dormir? Apenas um organismo semelhante aos que elle diariamente quebrava, destruia e arrumava para a banda. Apenas um organismo, cheio de milhares de outros organismos invisiveis, de uma myriade de animalculos parasitas, tão numerosos como a poeira das estrellas no céo.

Nada mais era a mulher que elle desejava; em mais a não podia apreciar; de si proprio escarnecia pelo imperio que tinha sobre elle o desejo da sua figura mortal, da sua louca vida de borboleta. Elle proprio não era mais, mas havia n'elle viva essa luz da intelligencia, que a seu parecer o erguia acima de elles n'um empyreo, que elles ignoravam. A sua intelligencia, o tornava como Cesar, como Pharaó; a tolice de elles os fazia escravos.

Não vem longe o tempo em que não haverá sacerdotes nem reis senão os da sciencia, e sob os seus pés as nações hão de rojar-se de terror e estorcer-se na morte.

«O homem não pode dominar as circumstancias, pensava elle, mas o homem avisado pode auxilial-as, o que o tolo não faz.»

Tinha dentro em si esse feroz egoismo de sciencia que estanca a fonte da piedade na sua origem. Sentou-se ao pé da janella, e contemplava distrahidamente a noite.

Sabia que a religiosa tinha razão; sabia que a enfermidade ia deixando o doente; e que, entregue a si proprio, o somno e a mocidade o restituiriam á saude, ao amor e á alegria.

Deveria deixal-o só?

Deveria deixal o viver para ser o namorado, o senhor de Veronica Zaranegra? Deveria deixar essas duas floridas existencias levianas unir-se uma á outra, abraçar-se e multiplicar-se?

Seria o que os homens denominavam crime, mas a escola de elle despreza as leis triviaes dos homens, sabendo que para os sabios não ha cousa tal como crime, nem cousa tal como virtude — meras lesões do cerebro, falta de tentação e de opportunidade.

Não podia a mãe de Adrianis estar alli senão no outro dia, por maior que fosse a rapidez com que viajasse. Elle conhecia o effeito da affeição sobre o systema nervoso, e que o vêr e sentir proximo uma pessoa querida dá muitas vezes ás compleições enfraquecidas a força de resistencia e de restabelecimento. Taes commoções não havia n'elle, mas reconhecia a sua existencia, e sabia que em Adrianis a força das commoções e das affeições estava em proporção com a fraqueza das faculdades intellectuaes.

Não devia aguardar a chegada da princeza. Fôra já testemunha da sua devoção, da sua habilidade na doença, da sua fortaleza e do amor que existia entre ella e o filho. Eram forças que elle desprezava e nunca lamentava, assim como nunca havia lamentado a cadella, a quem tirava os cachorros de mama, para a poder vêr expirar da agonia das tetas inflammadas. Sabia, porém, que existiam essas forças; e o physiologista não ignora os factos que elle demonstrou, comquanto possam pertencer a uma ordem pela qual não tem sympathia.

Sabia que não devia permittir que a mãe de Adrianis chegasse a tempo de vêr seu filho vivo.

«O que fazes, fa-lo depressa» murmurou elle com palavras que ouvira na sua infancia, quando sentado na velha egreja parochial da aldeia que fôra seu berço.

Ergueu-se e encaminhou se para o leito.

Adrianis parecia ainda dormir. A respiração era pesada e forçada principalmente pelas passagens nasaes; mas nas suas feições havia uma expressão da serenidade que voltava: expressão que o homem de sciencia sabe perfeitamente que precede o restabelecimento, e não a morte.

Tão certo como cada qual pode vêr nas trevas do futuro, elle estava certo de que o mancebo, entregue a si só, se restabeleceria, e dentro de uma ou duas semanas se levantaria são e salvo. Estava certo egualmente de que tinha no bolso do peito o meio de converter essa via de restabelecimento na agonia da dissolução. Não hesitou por mais tempo; não duvidou mais. Dirigiu se ao quarto contiguo, onde as duas religiosas, ainda vestidas, estavam dormindo, e acordou-as.

— Vinde — disse Damer suavemente. — Elle está peor. Vou experimentar o tratamento de Behring. Talvez dê bom resultado. Não ha mais a que recorrer. Ha de ser necessario segural o. Preciso de vós ambas.

(Continúa). ALBERTO TELLES.

DO PAIZ DA LUZ

(DUAS PALAVRAS)

Francamente não me recordo, em toda a minha pequena carreira litteraria, de haver tido que escrever um artigo em circumstancias tão embaraçosas para mim. Havendo-me imposto uma promessa a obrigação de escrever duas palavras, ácerca das estranhas communicações medianimicas, obtidas e agora publicadas pelo sr. Fernando de Lacerda, sob a epigraphe *Do Paiz da Luz*, á venda em varias livrarias da capital, não quero, pois, deixar de dizer a profunda impressão que recebi na leitura d'esse livro. E' cedo ainda, talvez, para fallar d'uma publicação, que ha-de ter o principal interesse d'um successo, no dia em que, livres e isemptos de paixões, os homens virem claro n'esse phenomeno, tão simples e vulgar na sua grandiosidade, a unica doutrina que se dirige á Rasão, que dá base á Justiça, que se funda na Verdade.

Desapaixonado o digo.

E, senão, appéllo para todos os adversarios de consciencia e de boa fé, e convido-os a que me digam, lealmente, se acaso se deram ao trabalho de estudar o que tão promptamente criticaram. Porque a verdade, em boa logica, é que a critica, seja qual fôr o seu campo de acção, só tem valor e poder quando quem a faz, conhece o assumpto que tratou. Ao contrario, será tudo que quizerem menos a expressão sincera da verdade.

Mas eu sei, infelizmente.

Pouca gente estudou e analysou esse livro; muita gente o julgou pelo titulo. E, como este facilmente explicava a origem do texto, *elles* passam n'um sorriso de incredulidade, *conhecedores* do assumpto, como o leão da fabula conhecedor das nóses pela casca.

Os outros, os que leram por *curiosidade*, acharam... bom, não vacillando, porém, em attribuir a origem d'essas cartas maravilhosas á intelligencia e ao trabalho do sr. Fernando de Lacerda.

Mas fazei a abstração da origem.

Supponde que esse livro é obra d'um homem unicamente, que é filho do seu saber e do seu trabalho, e, depois de o estudardes seriamente, dizei — mas dizei-me em consciencia: achaes n'elle palavras e motivos para rir?

Que outra philosophia vos dá uma explicação mais racional, mais elevada, mais sabida dos problemas, que em extraordinario grau interessam a segurança de todos nós — a confiança no futuro, o libertar da incerteza, a paz d'uma outra vida, a luz d'uma outra patria?...

Que philosophia vos trás mais consolações, mais paz, mais socego á vossa alma — se esta convida o homem a Deus, ao Bem, á paciencia na dôr, á verdadeira fraternidade? Mas apresentae outra cousa, outra certeza. Dae uma solução mais racional a todos os problemas da existencia.

Vinde conscenciosamente ao campo da discussão e provae, não negando sómente, mas por factos, que o Espiritismo não é uma verdade, que tem por objectivo e por consequencias o mal, o cahos, a infelicidade para o homem.

Provae que a vossa philosophia se baseia na pratica da mais santa, da mais pura moral do Evangelho. Provae que trazeis com ella ao homem compensação aos soffrimentos d'este mundo; que enchugaes as lagrimas que a Dôr espreme de muita alma e apontae-lhe na vossa philosophia uma só consolação.

Quando o fizerdes tereis, então, o direito de atacar o Espiritismo.

Irreflectidamente, alonguei-me em bastas considerações, quando é diverso, muito diverso o objectivo d'este artigo.

Mas vejamos:

Eu sei, por grande observação que fiz, que, em especial, no livro *Do Paiz da Luz*, foi muito duvidada a sinceridade das previas explicações do sr. Fernando de Lacerda. E assim tinha que sêr, n'um meio pequenino, como o nosso, em que cada um procura principalmente, n'uma ancia egoista e doida, desvirtuar o trabalho honesto e digno de cada um.

E' a lei eterna... fatal!

Mas, bastava a minha incredulidade, sobre a origem d'essas cartas (se em mim alguma houvesse) o facto do sr. Fernando de Lacerda evocar para escudo d'esse livro a memoria querida e santa de sua mãe, para em mim, immediatamente, no meu coração, desapparecer qualquer desconfiança.

E' que todos tivemos mães; e eu não creio que alguem, sôbre a égide d'essa memoria santa, possa faltar á verdade.

E depois pergunto: se realmente essas bellas composições, de tão variados systemas de confecção litteraria, são producto sómente da cerebração do sr. Fernando de Lacerda, porque motivo vem este senhôr apresental-as como producto de intelligencias *d'além campa*, se a elle, só a elle, caberia a gloria d'essa obra? Porque a verdade, aquillo em que profundamente acredito, é que nenhum dos nossos escriptores contemporaneos se pejaria de ter o seu nome — ainda que esse nome representasse uma larga folha de triumphos — ao alto do frontespicio d'essa obra gloriosa.

Que maior somma de verdade, de ideias todas ellas systematicas e differentes, se poderia desejar n'um volume de duzentas e tantas paginas? Não é Camillo, Eça, Anthero... Então quem é?!

Não esperem de mim a resposta. O tempo o dirá; a luz virá.

Que Fernando de Lacerda perdôe á minha voz o ter vindo, toda vibrante de sentimentos, de justiça e de amizade, cobrir com o seu humilissimo carinho, o seu nome e o seu trabalho.

11 de novembro de 1908.

MARIO DE SANTA RITA.

CIENCIA MODERNA

A fotoesculptura (1)

A arte fotografica conduz-nos por uma estrada onde se reserva a cada passo uma surpresa. Primeiramente, foi Daguerre que fixou a imagem dos objectos sobre uma chapa sensivel, depois tivemos o instantaneo, a seguir, o cinematografo. Pouco depois, a fotografia das côres. Agora ella reproduz nos o relevo dos modelos ou a *fotoesculptura*.

Precedentemente, nos ocupámos n'esta revista d'este assunto e já hoje vamos indicar uma nova fase da estraordinaria invenção, o que faz vêr que ainda está longe do fim o ponto terminus da estrada de surpresas que ha pouco supuzemos.

Poder-se-hia a fotoesculptura denominar-se a fotografia para os cegos, pois que obtido o relevo de um modelo, facilmente este se tornará sensivel áquelles que teem o infortunio de não verem.

Deve-se a Baese, sabio italiano, o processo que vamos indicar.

Examine-se um cliché fotografico. Se projétarmos esse negativo sobre uma camada de gelatina bichromatada que submeteremos a um inchamento em agua fria, obteremos o maior relevo nas partes obscuras e o menor, nas partes claras; e assim um fato branco dar-nos-ha um relevo nulo, um fato negro um relevo consideravel. O resultado seria identico em um modelo de côr uniforme, tal como uma estatua ou baixo relevo. Com efeito, a luz ahi não se espalharia consoante o afastamento do centro luminoso, devido a que um mesmo raio de luz, por exemplo de um centimetro quadrado de secção, cahindo perpendicularmente n'uma superficie, illuminaria intensamente um centimetro quadrado, e que se a superficie fosse inclinada, em relação á direção do nosso raio de luz, este alongaria o seu poder illuminante em uma superficie mais ampla mas de luz menos intensa.

A distribuição de luz do modelo será pois independente do modelo, mas dependente da inclinação de cada uma das suas partes em relação á fonte luminosa.

Interpondo entre o modelo e a fonte luminosa, um prisma de vidro córado absorvente de luz, obtem-se uma fotografia deficiente.

Como se obtem a fotografia em relevo pelo processo Baese?

A imagem positiva que se tira por meio de um cliché negativo, sendo diversa da que se vê no cliché, é claro que os dois negativos terão qualidades identicas mas de efeitos contrarios. Sobrepondo um ao outro, os dois clichés, de modo que as figuras coincidem, e olhando por transparencia, dá-nos a illusão de existir apenas uma placa.

Impressionando a gelatina bichromatica por meio de chapa formada de dois negativos sobrepostos e banhando-os com agua fria, obteremos uma reprodução plastica dando os relevos do objecto.

Afim de graduar a luz, Baese construiu um disco girando com uma velocidade graduada e que intercepta a luz em proporções desejadas. Sua nova lampada de projéção a arco elétrico é munida de regulador.

Além de aplicações artisticas, esta descoberta poderá permitir, obter copias exactas de qualquer objecto, vulgarisar as obras primas na sua integra, substituindo os modelos grosseiros até hoje usados.

ANTONIO A. O. MACHADO.

(1) Este artigo é o complemento do que publicámos anteriormente *O relevo na fotografia*, o qual, por seu turno faz seguimento áquelle em que nos occupámos da transmissão da fotografia a distancia.

O MEZ METEOROLOGICO

Novembro 1908

Barometro. — Max. altura 771^{mm},0 em 23.
» Min. » 750^{mm},6 em 7.

Thermometro. — Max. altura 21°,4 em 1.
» Min. » 8°,4 em 25.

Chuva — 188^{mm},6 em 12 dias. Em todo o mez registaram-se chuvas abundantes, sendo as maiores alturas pluviometricas em 14 (39^{mm},0) e 29 (39^{mm},4).

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 9 dias.
» Nublado 16 dias.
» Encoberto 5 dias.

Trovões. — Em 28.

Trovoada. — Em 1 e 3.

Vento dominante — N. Moderado.

Temperaturas medias extremas 17,67 em 1 e 10,77 em 25.

Obras primas — Quintino Droward por Walter Scott — Versão de A. J. Ramalho e Sousa — Ferreira & Oliveira, Editores — Lisboa.

Recebemos o primeiro volume d'esta curiosa obra do celebre auctor escocez que n'ella põe em evidencia com mão de mestre a figura do famoso Luiz XI, rei de França, tão indelevelmente assignalado pelo seu caracter sombrio e pelo ferreo pulso com que soube impôr-se ás demasias dos senhores feudaes, com proveito do poder real e da unidade do territorio.

Morte do Imperador da China e da Imperatriz viuva

O Regente

Um telegramma de Pekim, de 14 de novembro, participou á Europa a morte do imperador da China Konang-Chun, filho do principe Chun e neto do imperador Ta-Kuan.

O falecido era o nono representante da pura dinastia chinesa Manchu estabelecida desde o anno de 1644.

Kunang-Chun era um raquitico de natural incapacidade fisica e moral, entretanto coube-lhe o trono em 1875 por morte do imperador seu primo T'emg-Chich. Sendo, pois, menor, assumiu a regencia a imperatriz viuva Tse-Hsi, sua tia materna, a qual governon até 1899 em que o joven imperador assumiu a responsabilidade no governo, o que não quer dizer que fosse elle quem governasse, pois conhecida a sua incapacidade, é bem de compreender que continuasse a imperatriz a governar.

Durante esse governo é que se deu o conflito com a França por causa do Toukin, e outras ocorrencias que mais ou menos implicaram a guerra russo-japonêsa, etc.

A morte do imperador acarretou outra, a qual foi a da imperatriz, que tendo reunido o conselho, foi acometida de uma cincope, falecendo poucas horas depois.

A imperatriz nasceu em 1834 e era irmã da mãe do imperador, que faleceu pouco tempo depois de este ter nascido.

* * *

O trono da China compete agora ao principe Puwel, proclamado herdeiro em 1901, filho do principe Chun, mas como aquelle é menor assume este a regencia.

E' o principe Chun um membro da familia imperial considerado mais inteligente e culto, parecendo ser uma excepção, pois que aos principes do celeste imperio não lhes corre o dever de, faltando-lhes a inteligencia, o que não está na sua mão, serem pelo menos instruidos, embora para o serem tenham de trabalhar, o que é degradante para os grandes senhores da China, cuja grandesa e finura é tanto maior quanto menos fizerem, no que até certo ponto muitos nobres da Europa os imitam... não fazendo nada.

A instrução, porém, do principe Chun, parece não lhe valer de muito, em consequencia de ser um ipiletico, sujeito a frequentes acessos impulsivos, inrefletidos, o que lhe dá indicisão de caracter e de perseverança.

Tem o aspéto de uma creança timorata, o que não impede de se tornar altivo quando se julga menos considerado.

A este respeito conta-se que, vindo á Allemanha em missão especial, por causa do assassinato do ministro alemão barão de Keteller, em Pekin, não concordando com o protocolo da recepção que o imperador lhe fazia, julgando-o ridiculo e humilhante para a sua categoria de principe, imediatamente protestou e declarou, em alta voz, que se não o modificassem, seguiria para Paris e assim transmitissem esta declaração ao imperador. De facto o imperador modificou o protocolo, sem demora, e o principe Chun foi recebido em Berlim.

Se esta altivez lhe vae bem para manter o prestigio da sua posição, não quer isto dizer que possua aquella prudencia reflectida que tanto é pre-

ciso na diplomacia e nas altas regiões do poder.

O principe Chun tem dentro do seu imperio, ou antes em sua casa, um concorrente que o poderá prejudicar, e é o vice-rei Yuan-Chi-Kai, presidente do conselho do governo e com grande partido da facção liberal, — bom é saber que na China já ha partido liberal —, contando ainda grande prestigio no exercito e dispondo de uma

O Imperador da China Konang-Chun

enorme fortuna propria, que lhe permitiria occupar Pekin e o norte da China.

Yuan-Chi-Kai inclina-se muito para o Japão a quem não terá duvida em fazer boas concessões

A Imperatriz viuva Tse-Hsi

commerciaes, embora com isso contrarie a politica dos Estados Unidos, que em tempo declarou não consentir que a China desse quaesquer vantagens neste sentido ao Japão, sob pena de até recorrer ás armas, se tanto fôr preciso.

O Principe Regente Chun

Além disto ultimos telegramas falam da insubordinação de alguns regimentos chinezes, não sendo, emfim, para admirar se se derem graves acontecimentos no pacifico celeste imperio.